



Documentário Jornalístico Aos pés de Deus: um relato sobre a sobrevivência nas praças de Teresina¹

Thays Helena Silva TEIXEIRA²

Samilla Kelly MELO³

Cristiane Sekeff Budaruíche da SILVA⁴

Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI

RESUMO

Conhecer as pessoas que moram nas ruas e quais são as suas histórias e dilemas, essa foi a proposta durante a elaboração do documentário que é relatado neste trabalho. Aos pés de Deus revela a vida de cinco moradores de rua que habitam as praças de Teresina, mas também conta como é viver nesses espaços. Esse modo de vida não é algo exclusivo dessas personagens. Mesmo em se tratando de histórias de vida, o projeto audiovisual mostrou o cenário das ruas teresinenses e descobriu que esses homens possuem sonhos e acreditam em Deus. Partindo de uma proposta jornalística investigativa, desbravaram-se os perigos, superaram-se os medos e novas praças vieram à tona na pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Rua; Moradores de rua; Jornalismo investigativo; Praças de Teresina.

INTRODUÇÃO

Morador de rua, perigo, pobreza, essas nunca foram palavras longínquas do cotidiano dos moradores das grandes cidades sejam elas referências mundiais, brasileiras ou piauienses. Todos estão cansados de ter certeza que pessoas vivem pelas ruas e sobrevivem à custa de trabalhos miseráveis, como mendigar ou vender pequenos itens artesanais.

O documentário cuja produção é aqui relatada tem por nome “Aos pés de Deus”, e trata de homens que guardam em si humanidade, e que apesar de tudo se mostram capazes de diferenciar o local onde vivem, falar dele com carinho mesclado de asco, com um singelo jeito que atinge o coração de qualquer um que pare e se disponha a ouvir. Foi isso que se fez, na construção desse projeto audiovisual: ouviu-se.

Quando se iniciou este trabalho, a pretensão era estudar a situação dos mendigos na região do centro de Teresina. Ao longo do desenrolar das pesquisas,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Aluno líder do grupo e estudante recém graduada no Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: thays.teixeira1@hotmail.com

³ Estudante do 11º. Semestre do Curso de Comunicação Social Jornalismo e Relações Publicas, email: samillamello@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: cristianesekeff@gmail.com.



percebemos que o nosso objeto se modificou. A intenção passou a ser compreender a situação do morador de rua. Por causa disso, é importante ressaltar que nem todos os pedintes vivem de fato no espaço da rua.

A discussão e problematização da temática “morador de rua” constituem-se em esforços empreendidos pelas autoras, no sentido de dar visibilidade a uma das diversas expressões presentes na dinâmica das desigualdades sociais na contemporaneidade. Essa preocupação tem como marco a pesquisa experimental que aqui se relata.

2 CASA, RUA, SITUAÇÃO DE RISCO E POBREZA

Um clássico da pesquisa antropológica brasileira, o pesquisador carioca Roberto da Matta, em seu trabalho intitulado *O que faz o Brasil, Brasil?*, descreve em um dos capítulos a composição cultural que o espaço da rua possui em contraposição ao ambiente da casa.

O autor entende que a casa:

Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde nos realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo físico, e também uma dimensão moral e social. Assim, na casa, somos únicos e insubstituíveis. Temos um lugar singular numa teia de relações marcadas por muitas dimensões sociais importantes, como a divisão de sexo e de idade. (MATTA, 1997, p. 16-17).

Essa compreensão como local singular e de proteção ressalta a noção do acolhimento, e que impõe nas entrelinhas, uma concepção de lar. O lar seria o ambiente em que o indivíduo é insubstituível e que remete ao aconchego. Quando o indivíduo se desapropria desse sentimento de lar, e casa, e vai à procura de outros ambientes que possam substituir esse elo perdido com a casa, os vínculos são desfeitos, e o espaço da rua passa ser um atrativo.

Ora, e o que é, então, esse espaço da rua, ou propriamente rua?

Por tudo isso, o universo da rua – tal como ocorre com o mundo da casa – é mais que um espaço físico demarcado e universalmente reconhecido. Pois para nós, brasileiros, a rua forma uma espécie de perspectiva pela qual o mundo pode ser lido e interpretado. Uma perspectiva, repito, oposta – mas complementar – à da casa, e onde predominam a desconfiança e a insegurança. (MATTA, 1997, p. 21).



Dentro dessas perspectivas contraditórias, o autor relata todo o fascínio que o ambiente da rua possui. Esse, talvez, seja um dos principais motivos que levam as pessoas a escolher o espaço da rua como um local para a troca de afetos e um momento longo de permanência. Matta aponta que esse ambiente apresenta uma sensação de liberdade, este critério é o que mais se configura como atrativo.

A vivência da rua como um espaço de reelaboração das singularidades - elemento peculiar da casa – configura-se, por sua vez, naqueles indivíduos que nela passam a habitar em situação de rua.

Essa moeda de atração também é reconhecida pelos profissionais que trabalham diretamente no espaço da rua. Neste trabalho, foi considerada a perspectiva da diretora da gerência de proteção social especial da secretaria Municipal do Trabalho, Cidadania e Assistência Sócia (SEMTCAS) de Teresina, Silvana Bacelar, e da monitora do serviço da abordagem de rua do Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), Carina Melo. Conforme Silvana, a rua é um espaço de liberdades:

E tem a questão da liberdade, o espaço, a vivência, a beleza. Todo mundo sabe que tem os perigos da rua, mas também tem a beleza. Quem gosta de ficar em casa? O homem é um ser que precisa viver em grupo e a rua rompe com essa questão do isolamento. (Entrevista realizada em 26 de abril de 2010).

O mesmo ponto de vista é apresentado por Shara Jane Adad, ao elaborar seu trabalho sobre a juventude teresinense que vive no espaço das ruas de Teresina. Ela entende que a rua é *um espaço ambíguo, uma mescla de poesia e mal-estar. Múltiplas subjetividades são encontradas nas nelas*. (ADAD, 1998, p. 38). Essas subjetividades foram acompanhadas no cenário em que levantamos o recorte de pesquisa, as praças do centro da cidade de Teresina.

O ambiente da rua é, de fato, essa mescla de liberdade e subjetividades. Essas concepções são válidas, inclusive, para aqueles que transitam, assim como para os que habitam. O que se percebe é que a rua, por causa da sua construção social dinâmica, suporta diversos sujeitos, que nela encontram espaço para sobrevivência.

Congrega-se com Matta, a ideia de que a rua é o espaço de produção do ganho de vida, é desse ambiente que os indivíduos retiram o seu sustento, isso significa o ambiente de trabalho. Dentro dessa ideia de rua como local de trabalho, percebemos uma reverberação desse conceito. Ele é mesclado com a problematização da pobreza e adquire características de casa.



Apontado por Matta, isso acontece quando o espaço público reconhece em si um ambiente caseiro. O autor usa o exemplo da limpeza doméstica como algo típico da casa, e ressalta que esse ambiente pode ser recriado na rua.

Limpamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimônia ou pejo... Não somos efetivamente capazes de projetar a casa na rua de modo sistemático e coerente, a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar. (MATTA, 1997, p. 20).

Nesse momento, o indivíduo toma para si a rua como casa e passa a reproduzir hábitos do cotidiano de um ambiente entre paredes. Costumes, como cozinhar, comer, tomar banho, utilizar o banheiro, fazer sexo, tornam-se rotina no espaço da rua. Quando o indivíduo pratica esses hábitos, de forma que não mais retorna ao ambiente da casa e da família ele, tomou para si a rua e seus espaços como moradia. Nesse momento, o indivíduo se torna morador de rua e passa a modelar seu corpo em função desse novo ambiente.

Essa delimitação do fenômeno do morar na rua se entrelaça de modo mais dinâmico com a pobreza, uma vez que morador de rua se encontra, de fato, na situação da pobreza. Como bem relatam Mendes e Silveira, o morador de rua é formado por:

A ausência de perspectiva de um emprego estável e o desemprego são ameaças constantes de destruição da identidade e podem culminar com o desgaste e o adoecimento deste sujeito, tendo repercussão direta no seu modo de viver e nas suas condições de vida. Na situação extrema de “realização”, esse modo de viver será formado por fatores e restrições ambientais, organizacionais, políticas, morais, entre outros, que instauram e moldam rotinas, sob o imperativo da sobrevivência. (MENDES; SILVEIRA, 2005, p. 2).

Porque as pessoas se congregam para a vida nas ruas? Baseando-se deste questionamento e assumindo para este trabalho a noção sociológica de vulnerabilidade nos vínculos familiares, que nos foi apresentada por Sarah Escorel, como sendo um dos principais motivos para que pessoas, substituam o ambiente seguro da casa pelo perigoso da rua. Dentro deste ponto vista adotamos essa noção que também foi verificada pelas observações de campo e pelas entrevistas.

Para a autora:

Considerando a procedência de classe social dos moradores de rua, a dos trabalhadores pobres, a pobreza de sua condição de vida prévia à moradia na rua foi caracterizada como integrada por um conjunto de

vulnerabilidades, situações portadoras potenciais de vetores de exclusão. Algumas ou todas as modalidades de vulnerabilidade - econômica, habitacional, afetiva, à violência e discriminação - em várias combinações possíveis, se entrelaçam no seio das famílias de trabalhadores pobres, com diferentes graus de intensidade, promovendo diferenciadas histórias individuais e familiares. (SCOREL, 1999, p.122)

Histórias essas que se configuram em diversos personagens que permeiam pelas ruas de Teresina. A caracterização explicativa é fundamental porque fundamenta uma vida anterior a das ruas, e que fez com que essas pessoas construíssem para si novos vínculos e novas histórias. Essa construção de novos vínculos se evidencia com a criação de grupos que de maneira mais subjetiva reproduz certo modelo de laço afetivo próximo ao familiar que foi desconfigurado anteriormente.

É o agrupamento a «unidade de referência, de pertencimento» que confere ao indivíduo morador de rua um suporte similar ao da família, em suas funções de sobrevivência e reprodução podendo assim ser considerado como «substituto» da família. O agrupamento seria tão fundamental na estratégia de sobrevivência, entendida enquanto proteção e segurança, que não teria importância com quem se agrupar e sim o ato de agrupar-se (SEBES, 1992 apud SCOREL, 1999, p.150)

Essas referências de pertencimento por sua vez, aliadas com outros fatores, como pobreza e violência, corroboram com a permanência e com a transferência desses atores sociais para o ambiente de vivência nas ruas, essa é uma explicação aplicável ao cenário de Teresina porque entre todos os personagens do documentário e por vias das entrevistas, a quebra dos vínculos familiares é o principal dos motivos.

A opção por adotar o conceito de vulnerabilidade familiar como elemento de chave para a vida nas ruas se deve fundamentalmente ao fato dele ser o que melhor se aplica ao objeto e problema levantado para esta pesquisa, que pretendia em termos gerais entender as histórias e a dinâmica relacional das sociedades das ruas.

Para conseguir agregar todos esses aportes teóricos, foi desenvolvida uma pesquisa teórico-prática que optou pela elaboração de um documentário audiovisual. Na peça usada para este trabalho, foi considerada a seguinte definição para o que seja um documentário:

Documentários têm diferentes significados para os diversos públicos. São uma forma de auto-expressão, como romances, canções ou pinturas. São uma forma de jornalismo, independente e sem mediações. São ferramentas que, de certa forma, compõem o



descompasso entre culturas ou expõem as realidades um tanto severas de um modo volátil. Inspiram, motivam, educam, exacerbam e entretêm. Documentários refletem tudo do que grandioso, desafiados, incômodo e humorístico a respeito da condição humana. Antes de mais nada, porém, devem conquistar o público. (BERNARD, 2008).

Essas observações sobre a vivência na rua são importantes para a construção do imaginário teórico em torno do morar na rua, desde as problemáticas que fazem desse ambiente a casa, consignadas pela falta de acesso proporcionado pela pobreza e miséria, até a nova modelagem de corpos que se adaptam a um novo local.

3 JUSTIFICATIVA

Passar pelas ruas de Teresina, mais especificamente pelo centro da cidade e pelas praças, onde está concentrada a maior parte dos mendigos da capital e, não sentir-se incomodado com a sua presença é algo preocupante e, por muitas vezes, confundido com um incômodo. Este sentimento impede que a sociedade aceite a existência desses grupos e desta realidade como algo problemático, que não pode ser visto como normal. A maioria passa por eles e continua no seu destino, deixando o problema às vistas de quem vem atrás e, assim, sucessivamente. Passam-se anos e eles continuam nos mesmos lugares, sob as mesmas condições de pedintes e excluídos da sociedade.

Este incômodo é mais acentuado, não pela presença deles nesse locais e sim, a falta de providências que permitam a saída dessas pessoas da condição social a qual estão delimitadas, um tanto quanto humilhante e insalubres.

Em Teresina, pesquisar sobre a realidade dos moradores de rua pode ser um norte para a elaboração de políticas públicas eficientes voltadas para este público, comumente esquecidos pelas autoridades e pela própria sociedade e vistos em situação animalesca e desumana.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A abordagem dos sujeitos, no trabalho de campo, se dará através de procedimentos informais, quando se tratar de contatos e formais, por meio de entrevistas sempre registradas. A coleta de informações via entrevistas se dará na forma de entrevistas semi-estruturadas ou temáticas, conforme requeira, e gravadas.



Baseando no que Jorge Duarte entende como entrevista em profundidade a utilizaremos como um método de captação de dados:

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve ou está envolvido. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado. (DUARTE, 2007. p.64)

Nesse sentido, podemos dizer que esta pesquisa buscará aliar as entrevistas em profundidade e suas características de compreensão para abordagem dos sujeitos que constituem o processo de produção jornalística, do recorte aqui apresentado. Baseando-se nessa conceituação e na compatibilidade dela com o tema proposto por esta pesquisa é que escolhemos este tipo metodológico de construção de dados.

Para dar maior suporte a interpretação do tema, será feita uma análise de conteúdo dos jornais da capital entre os anos de 1955 a 1960, onde a incidência de mendigos em Teresina era maior e, onde será possível identificar o discurso da mídia acerca dos mendigos. Nestes periódicos, os moradores de rua eram tratados como verdadeiras “pragas”, em um círculo vicioso.

Segundo Heloiza Herscovitz, apud, Jorge Duarte (2007)

“a análise de conteúdo pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas.” (In. DUARTE, 2007.p 45)

A entrevista semiaberta envolveu as profissionais em assistência social Silvana Bacelar, diretora da gerência de proteção social especial da Secretaria Municipal do Trabalho, Cidadania e Assistência Social de Teresina (SEMTCAS), e Maria Carina de Carvalho Melo, monitora do Serviço de Abordagem de Rua do Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS). O contato e construção de dados junto aos moradores de rua levaram em consideração as entrevistas jornalísticas durante as filmagens e o diário de campo agregado à pesquisa de campo. Essas ferramentas ajudaram a descobrir mais sobre o mundo da rua e sobre a vida dos moradores de rua.

A opção pelo diário de campo, ao invés de entrevistas semiabertas com os moradores de rua, deveu-se principalmente porque esse método é o que mais se



adequava ao objeto de estudo proposto para a produção do documentário “Aos pés de Deus”. Tudo o que era observado durante as visitas de campo foi anotado no diário, bem como o conteúdo dessas conversas. Assim, evitou-se o desgaste do contato que, possivelmente, aconteceria se tivéssemos optado pelas entrevistas semi-abertas.

A pesquisa de campo aconteceu durante duas semanas seguidas, com retornos esporádicos. Contamos com a ajuda das Agentes de Proteção Social (APS), do serviço de abordagem de rua do CREAS para encontrar as personagens mais acessíveis. Elas nos ensinaram que precisaríamos manter um vínculo de confiança com eles, que só seria conquistado com calma e persistência. Foi desafiador, mas possível. Todos falaram sobre suas vidas, angústias passadas e também sobre o futuro.

Este documentário, por fim, propõe-se a ser um convite para todos que querem conhecer o cotidiano e a vida dos moradores de rua. Esperamos que se sintam convidados e que este trabalho possa ajudar a perceber que, no prisma de nossa sociedade, as pessoas que estão à margem dela merecem atenção, merecem ser ouvidas, compreendidas e sobretudo possuem histórias de vidas.

5 DOCUMENTÁRIO: AOS PÉS DE DEUS

“Aos pés de Deus” - esse é o nome do documentário - e ele foi escolhido partindo de uma observação bem simples e, depois, por um segundo motivo que ficou evidente em todos os entrevistados desse trabalho. “Aos pés de Deus” é uma referência à casa dos moradores de rua, uma casa poética, é claro, porque - como já foi relatado - a rua se tornou uma casa. As praças de Teresina possuem igrejas e esses templos religiosos são os locais de abrigo ou trabalho de nossas personagens. Em geral, elas se alojam bem os pés das igrejas.

Um exemplo claro dessa moradia pode ser evidenciado na Praça Saraiva, onde vários moradores habitam as calçadas da Igreja de Nossa Senhora das Dores, na parte dos fundos. Outro foco é a questão dos habitantes que realizam a atividade de mendicância às portas das igrejas, como pode ser visto no caso da Igreja de São Benedito, na Praça da Liberdade.

O segundo motivo foi à fé. As nossas personagens, apesar de toda a situação de risco ou de miséria, mostram-se devotos de Deus. Segundo eles, essa situação só é passível de ser vivida por causa de Deus. “*Seu João Isidoro sempre pedia na porta da Igreja de São Benedito e agradecia os que lhe davam esmola com a frase: ‘- Deus lhe*



acompanhe e lhe dê felicidade””. (DIÁRIO DE CAMPO, em 25 de maio de 2010). Por isso e por tudo, “Aos pés de Deus”.

Dividido em blocos temáticos, o documentário congrega uma narrativa de histórias de vida contadas, depois sobre o cotidiano da rua, os sonhos. Essa era a proposta inicial, que ainda abarca pontos e pequenos capítulos que se referem aos perigos da rua, entre eles as esmoladas; as *pedras*, em referência ao consumo de *crack*, e o ápice conclusivo, com as falas sobre Deus.

Para a construção do documentário, foi necessário criar um capítulo que não estava pré-elaborado no roteiro quando descobrimos que a personagem Luis Gonzaga de Miranda (Marinheiro Popaye) escrevia seus relatos de vida nas ruas em um diário. Essa descoberta fascinante teve que ser inserida no corpo do documentário. O acesso a esse diário aconteceu, mas de forma limitada, apenas algumas páginas foram cedidas à leitura e já no dia das gravações. Luís escreve para que seus filhos possam, algum dia, ler.

O trabalho contou com apenas duas entrevistas semi-abertas, uma realizada no dia 26 de abril de 2010, com Silvana Bacelar, da SEMTCAS, e outra com Carina Melo, no dia 20 de maio de 2010. Essas duas entrevistas, agregadas ao diário de campo, permitiram o conhecimento de detalhes sobre a situação dos moradores de rua das praças de Teresina.

O primeiro dia de campo foi no CREAS, no dia 19 de maio de 2010, onde se acompanhou o trabalho interno do serviço de abordagem de rua e conheceram-se alguns dos tipos de ações que a instituição realiza em torno dos moradores de rua. Nesse dia, a monitora que passou a ser nossa informante e elo entre os moradores de rua descreveu como é o seu trabalho de abordagem de rua e as impressões que a mesma tem a respeito do cotidiano dos moradores de rua.

A área de conhecimento foi a região do centro de Teresina, no entorno das praças da Liberdade, Pedro II, Saraiva e Bandeira. O contato inicial foi mais observacional, por orientação das agentes, e também para um período de adaptação.

As visitas a campo seguiram por pelo menos mais duas semanas e realizadas, de forma diária, para que assim se pudesse delimitar quem de fato seriam as personagens do documentário. No primeiro dia, já surgiam alguns nomes: Francisco Gina, João Isidoro, Fábio e Severo. Desses, apenas dois personagens se confirmaram: Francisco Gina, 60 anos, e João Isidoro, 77 anos. Depois do contato, percebeu-se que muitos não se permitiriam ser filmados.



Os demais dias de abordagem de rua se seguiram até o dia 6 de junho. Com o fim das idas a campo diárias, já tínhamos a delimitação de quem seriam as personagens. Além dos dois citados, anteriormente, ainda escolheu-se outros três: Paraíba, que mora na Praça da Bandeira e é alcoolista; Igor Pereira, que também reside na Praça da Bandeira e é crakeleiro; e, por fim, Luis Gonzaga de Miranda (Marinheiro Popaye), que mora na Praça Saraiva e que escreve diariamente suas atividades em um diário - as observações o apontaram como usuário de *crack*, mais isso não é confirmado por ele. A coordenadora do CREAS, Carina Melo, também foi escolhida para as filmagens.

As filmagens aconteceram em dois dias, mais precisamente nos dias 7 e 8 de junho. No primeiro dia, as entrevistas foram feitas com quatro das personagens escolhidas: primeiro com Igor e segundo com Paraíba, porque vivem na mesma praça; em seguida, João e Francisco Gina, na Praça da Liberdade, porque os dois *mangueam* no mesmo local. No segundo dia, as filmagens se concentraram na Praça Saraiva, com Luis Gonzaga de Miranda, o Popaye, e com a coordenadora Carina Melo.

O documentário possui filmagens de grupos de moradores de rua, de pessoas pedindo às portas das igrejas, de moradores de rua dormindo pelos bancos das praças, e um morador tomando banho próximo ao Instituto Médico Legal (IML) de Teresina. Esses cenários foram para apoio e ilustração da realidade das ruas da capital piauiense.

As entrevistas seguiram três tópicos principais, que foram indicados pelo roteiro inicial: história de vida, cotidiano e sonhos.

5.1 Personagens

5.1.1 Paraíba: entrevista realizada em 7 de junho de 2010

Paraíba tem 55 anos e está na rua há 42 anos. Começou a morar na rua ainda criança, trabalhando no Mercado Velho. Ele responsabiliza a sua vida na rua pelo fato de não ter tido sorte no amor, motivo pelo qual permanece na Praça da Bandeira, que para ele é a mais adequada.

É um dos integrantes do grupo de alcoolistas da praça. Durante todo o dia, ele bebe constantemente com os colegas. A aparência de Paraíba é a mais parecida com a que vive no ideário das pessoas. Os cabelos grandes, desgrenhados, roupas sujas e rasgadas. Além disso, ele tem dificuldades para caminhar, permanecendo sentado durante todo o dia e só andando com a ajuda dos amigos. Um dos olhos dele foi



perfurado, segundo ele por causa de uma briga com uma mulher. Assim como os outros moradores de rua, dorme na praça todos os dias. Ele toma banho na casa dos pombos.

5.1.2 João Isidoro: entrevista realizada no dia 7 de junho de 2010

Morador de rua e pedinte. Costuma pedir às portas da Igreja de São Benedito, na Praça da Liberdade. Aos 75 anos de idade, traz as marcas da vivência na rua. Foi vítima de briga de rua e, em consequência disso, quebrou a mão. Por conta de um tratamento mal feito, ele perdeu os movimentos dessa mão. Tem um filho e uma neta no município de Bacabal e saiu de casa porque, segundo ele, apanhava do filho. Agora, tenta alugar uma casa para morar. No entanto, enfatiza que a casa servirá somente para dormir e a rua continuará sendo o seu espaço de vivência durante o dia.

Ele mora na rua há 33 anos e disse estar nessa condição porque a mulher o traiu e, por medo de perder o equilíbrio, resolveu sair de casa. João se queixa constantemente dos ladrões que ficam do outro lado da Praça da Liberdade. Segundo ele, esses jovens viciados roubam as moedas apuradas por ele durante o dia.

5.1.3 Luís Gonzaga de Miranda (Marinheiro Popeye): entrevista realizada no dia 8 de junho de 2010

Tem 68 anos, corpo atlético. Foi integrante da Marinha e, através dela, e “em prol do desenvolvimento” como ele mesmo coloca, participou da ditadura militar desencadeada em 1964. Ele diz que fez algumas “besteiras”, não quis explicar o que exatamente aconteceu. Mas, segundo ele, o que o destruiu foi o fato de um dia uma pessoa ter tentado assaltá-lo e ele, para se defender, tirou a vida dessa pessoa. Com isso, foi expulso da Marinha e voltou da Espanha, em uma camisa de força, para o Piauí.

O apelido dele não poderia ser outro: Popeye. Ele é assim chamado porque além de ter um corpo atlético, foi marinheiro e, como se não bastasse, ainda lembra muito o personagem “Popeye” dos desenhos animados. Popeye possui um objeto valioso: um diário. Para ele, escrever é um divertimento, uma ocupação para a mente.

5.1.4 Carina Melo – Agente de Proteção Social: entrevista realizada em 8 de junho de 2010



Agente de Proteção Social que atualmente é monitora do Serviço de Abordagem de Rua, do Centro de Referência em Assistência Social, Carina Melo trabalha há muitos anos no contato direto com os moradores de rua. Carina conhece toda a problemática da vida na rua e como se consolidou o cenário do uso do *crack* e das esmolas em Teresina.

5.1.5 Francisco Gina (Cabeleira): entrevista realizada em 7 de junho de 2010

Natural de Campo Maior, no Piauí, tinha nove anos de idade quando o pai começou a espancá-lo. Saiu de casa e foi morar no Mercado Velho, assim como o morador de Rua Paraíba. Depois, foi para São Paulo e lá trabalhou em uma fábrica, em um estacionamento e como catador de papelão. Em seguida, voltou ao Piauí e ficou na Praça Rio Branco.

Em seu cotidiano no passado, ele conta que gostava de jogar bola na Praça da Bandeira, o que demonstra uma vivência muito grande das personagens, principalmente dos mais velhos, nas praças. Ele disse que, em certa época, ficou “endinheirado”. Trabalhava vendendo frutas no Mercado Central, mas continuava sem ter onde ficar. Nesse momento, passou a viver na Praça da Liberdade, onde permanece *mangueando* até hoje.

5.3.6 Igor Pereira: entrevista realizada em 7 de junho de 2010

Essa personagem chegou até a equipe por conta própria. Foi curioso, perguntou o que se estava fazendo ali, mas sem maldade ou qualquer sinal de intimidação. Tão logo obteve resposta, de imediato se mostrou interessado em contar sobre sua vida. E assim foi...

Igor começou a morar na rua quando tinha dez anos de idade, engraxando sapato. Foi preso, passou cerca de seis anos na cadeia. Segundo ele, o motivo da prisão foi o fato de ter sido acusado de assalto à mão armada e tentativa de latrocínio. Ele aponta os maus tratos e a convivência violenta dentro de casa como justificativa para estar na rua. Disse que a saudade morria sempre que ele voltava para casa e, assim, passou a viver efetivamente na rua. No seu dia-a-dia, Igor fala muito no companheirismo entre os colegas de rua.

Segundo ele, tudo é dividido: comida, roupas, não existe egoísmo, eles se ajudam. Segundo ele, as pessoas o olham com indiferença e, ao mesmo tempo, temor.



Quando pede uma moeda percebe, como as mulheres seguram suas bolsas com medo. Mesmo assim, para ele, com a ajuda de Deus vai levando a vida e tem coragem para enfrentar tudo.

5.2 Estrutura do documentário

As sonoras foram separadas conforme as temáticas: histórias de vida, cotidiano da ruas, sonhos, e, depois, acrescidas as temáticas: esmola, Deus, e o *crack* - que não estavam no roteiro.

O primeiro clipe é intitulado “Aos pés de Deus”, possui a imagem da Igreja de Nossa Senhora das Dores e Popaye, olhando para cima, fazendo alusão ao nome do documentário. “Aos pés de Deus”, essa é a vinheta de abertura do documentário, seguida de um pequeno texto de abertura, lido em *off*, com as palavras passando na tela e imagens de cenários das ruas ao fundo. Segue o texto de abertura do documentário “Aos pés de Deus”:

Marinheiro Popaye, João, Cabeleira, Igo e Paraíba são pessoas entre tantas outras que moram nas praças de Teresina, ou sobrevivem por elas.

Cada um com suas histórias, seus jeitos, seus sorrisos, pedidos de desculpas por não terem feito nada, acreditam na vida e em Deus.

Essa fé talvez os faça morar, Aos pés de Deus, bem próximo dos templos religiosos, onde suas mãos se esticam para *manguear* moedas que garantem sobrevivência e vícios.

A rua, um espaço ambíguo, uma mescla de poesia e mal-estar concentra homens múltiplos e gentes, é quase um mundo.

E ainda assim eles sonham... (DOCUMENTÁRIO AOS PÉS DE DEUS, 2010, texto de abertura).

O clipe seguinte é “A vida em memórias”, com imagens dos cinco personagens do documentário intercaladas, com o nome de cada um sobreposto às imagens. Somente as imagens desse clipe foram feitas em sépia, para transmitirem a idéia de passado. “Rua: um cotidiano de poesia e mal-estar” vem em seguida e traz imagens intercaladas dos hábitos das ruas: comer, beber, dormir, trabalhar e outros costumes. Após esses clipes, seguem ainda “Homens sonhadores”, com imagens das personagens



com expressões faciais bem marcantes, sorrisos e a caminhada do Paraíba; “Mãos esticadas para *manguear*”, com imagens de mendicância nas portas das igrejas, que remetem aos cenários de esmola; “As *pedras*”, com imagens de uso do *crack*, nas fotos feitas pela pesquisadora e pelo Maurício Pokémon; e, por fim, a fala dos moradores de rua sobre “Deus e sua fé”.

A trilha sonora do documentário e de seus clipes é a música interpretada e composta pelo músico pernambucano Lenine, quem tem por nome “Paciência”. O músico divide a autoria da canção com Dudu Falcão.

CONSIDERAÇÕES

Morador de rua é gente. Essa poderia ser uma consideração grotesca, de um trabalho que, para nós foi tão meticuloso, detalhado, e com o desafio de não nos envolvermos emocionalmente com o objeto de estudo para que a pesquisa não fosse prejudicada. Difícil mesmo conquistar tal façanha, mas não impossível. Fomos a campo e levamos junto a nós o perfil de pesquisadoras. Saber que, ao concluirmos, estaríamos proporcionando aos nossos telespectadores momentos de reflexão, de descoberta e de clareza sobre essa realidade, foi o nosso maior estímulo.

Encontramos muitos moradores de rua, selecionamos alguns de perfil mais impactante e terminamos por descobrir pessoas para se sentar ao lado, no banquinho da praça, e ficar horas conversando sem ver o tempo passar. Entre tantos Josés, Antônio, Franciscos e muitos outros moradores de rua, conhecemos, acima de tudo, cidadãos, pessoas com histórias de vida que poderiam ser sucesso em qualquer “Best Seller”. Elas têm família, mesmo que os vínculos estejam rompidos, têm amigos e estabelecem entre eles laços de confiança, têm opinião própria e falam sobre o mundo com uma sabedoria instigante.

Entendemos também que a vida na rua representa um risco constante para os moradores de rua. A violência e o convívio com as drogas fazem parte do cotidiano deles. E o mais importante é que, provavelmente, vá ao encontro das opiniões pré-concebidas de muitos: a rua não é uma escolha e nunca representou uma alternativa para nenhum deles. Os depoimentos nos mostraram que a violência que a maioria sofria em casa os trouxe, impensadamente, até a rua.

Outra forma de inserção na rua é através do trabalho infantil. Muitos relataram que a vivência e os primeiros contatos com o meio começaram ainda na infância. No



cotidiano desses indivíduos, está presente a violência, a discriminação, o medo, a angústia, as drogas, as DST's, o crime. Eles sentem a indiferença, o desprezo e o medo das pessoas ao passarem por eles. Isso nos foi, inclusive, explicitado pelas agentes de proteção social. Por outro lado, existe a amizade, o respeito e, mesmo com todas as dificuldades e situação de miséria, ainda se encontra neles um prazer de viver, um apego forte à vida, que é sustentado pela fé em Deus.

Ainda assim, diante de todas as mazelas que a vida impôs a cada um, eles sonham, estabelecem metas, falam sobre um futuro longe das ruas, pensam sobre a vida, sobre o mundo. São pessoas, vivem Aos pés de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAD, Shara Jane H. Costa. **Jovens e educadores de rua: itinerários Poéticos** que se cruzam pelas ruas de Teresina. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoína. **Cotidiano e Pobreza: a magia da sobrevivência** em Teresina. Trabalho bibliográfico ano de 1993.

BACELAR, Silvana. Entrevista realizada em abril de 2010. Teresina. Secretaria Municipal do Trabalho, Cidadania e Assistência Social.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**. Tradução Saulo Krieger. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. 387 p.

MATTA, Roberto da. **O que faz brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 126 p.

SCOREL, Sarah. **Vidas ao Léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005. 125 p.

LIMA, Antônia Jesuíta de. **As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos**. Teresina: Halley, 2003. 395 p.

MENDES, Jussara. SILVEIRA, Sandra. Nas páginas dos periódicos: construção social e realidade do fenômeno morador de rua. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 4, dez. 2005.

TEIXEIRA, Thays Helena Silva. **Diário de Campo**. Teresina, 2010.